

## A EUGENIA E SUA GENÉTICA HISTÓRICA

### *A gênese de uma pseudociência*

#### O PALIMPSESTO DA SUPERIORIDADE HUMANA

Purificar a raça. Aperfeiçoar o homem. Evoluir a cada geração. Se superar. Ser saudável. Ser belo. Ser forte. Todas as afirmativas anteriores estão contidas na concepção de eugenia. Para ser o melhor, o mais apto, o mais adaptado é necessário competir e derrotar o mais fraco pela concorrência. Luta de raças. Para a política, luta de classes.

A eugenia moderna nasceu sob essas idéias principais. Uma invenção burguesa gerada na Inglaterra industrial em crise. Mas analisar a origem da eugenia, assim como seus objetivos e fundamentos não é tarefa fácil, pois apesar de se autodenominar ciência, essa teoria está repleta de ambigüidades e argumentos subjetivos. Para entender sua complexidade é importante ter em vista que a eugenia se inspirou nas idéias sobre superioridade, natureza e sociedade que foram construídas ao longo dos séculos pelo pensamento ocidental.

Os ideais eugênicos modernos remontam à Antigüidade. Os padrões de beleza física da Grécia Antiga, assim como os exemplos de força dos exércitos de Esparta e, séculos antes, as regras de higiene dos hebreus e sua profilaxia também inspiraram os teóricos



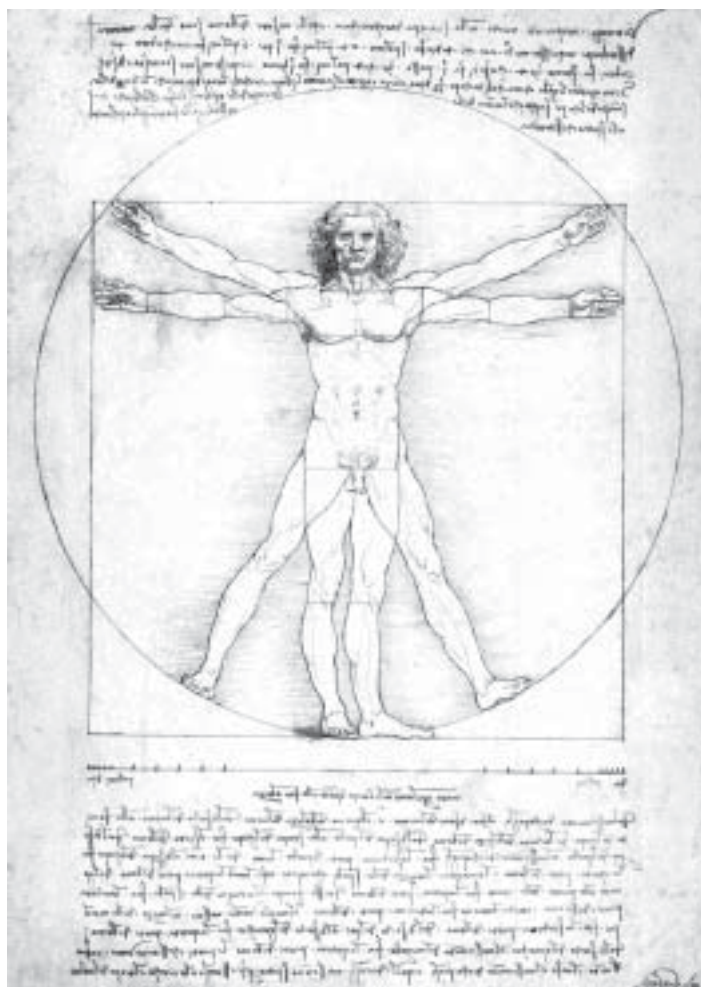
Os padrões de beleza expressos pelos gregos antigos foram o parâmetro de saúde física e mental para os eugenistas, tal como na clássica escultura grega que representa o esportista Discóbolo.

eugenistas da segunda metade do século XIX e princípios do século XX. Na Grécia Antiga colocou-se em prática uma medida que tinha em vista a purificação da raça, durante o apogeu da cidade-estado de Esparta. De acordo com Plutarco, o conjunto de leis de Licurgo no século VIII a.C. previa que desde o nascimento até a morte, todo espartano varão pertencia ao Estado. Todos os recém-nascidos eram examinados cuidadosamente por um conselho de anciãos e, se constatada anormalidade física, mental ou falta de robustez, ordenava-se o encaminhamento do bebê ao Apotetas (local de abandono) para que fosse lançado de cima do monte Taigeto. Caso

contrário, os pais cuidavam de seus filhos até os 7 anos, quando os meninos ingressavam definitivamente na escola de formação militar tutelada pelo Estado. Os filósofos Aristóteles e Platão também pensaram na necessidade de selecionar os casamentos e de estimular o matrimônio dos casais “superiores”, tendo em vista a preservação da raça. Essa superioridade não estava baseada somente em poder militar ou em riqueza material, mas na grandeza do arsenal humano. Os espartanos justificaram sua vitória contra os atenienses na Guerra do Peloponeso, no século v a.C., por possuir o exército mais apto, controlado e treinado desde o nascimento.

É possível observar práticas entre os povos antigos para evitar a degeneração de seu povo através de regras higiênicas e rituais. De acordo com os princípios morais e higiênicos dos judeus, registrados na Torá, a circuncisão feita no oitavo dia após o nascimento significa o ritual de inserção na comunidade do “povo eleito” quando afirma: “A mulher quando houver concebido e dado a luz a um filho homem, ficará impura sete dias [...] e ao oitavo dia será circuncidado na carne de seu prepúcio”. Para o povo judeu, o ritual de inserção no grupo representado pela circuncisão é tão importante quanto a descendência do sangue puro na afirmação de que só é judeu aquele que nasce de ventre judeu. Dessa forma, apesar de o judaísmo ser uma religião, muitas das relações de seus adeptos são pontuadas pela linhagem de sangue.

As idéias de superioridade e de pureza de determinado grupo não são exclusivas da Antigüidade, tampouco dos eugenistas. Mesmo na Idade Média, em que tudo era resultado da vontade divina, a noção de superioridade do povo cristão sobre os muçulmanos em relação à posse da Terra Santa e a da inferioridade indígena para justificar a dominação do Mundo Novo podem ser constatadas. Não havia descrições raciais nesses argumentos, mas incontestavelmente se desenvolveram estratégias ideológicas que tornaram os cristãos superiores e os muçulmanos e indígenas – infiéis e pagãos, respectivamente – inferiores, justificando assim as guerras de perseguição e o extermínio indígena nas Américas. Esse é apenas um dos exemplos possíveis. Não nos esqueçamos da Inquisição, das guerras de conquista na Ásia e na África, que sempre objetivaram enaltecer a superioridade de um grupo em detrimento de outro.



Leonardo da Vinci, inspirado pelo arquiteto romano do século I a.C., Vitruvio, representou no século XV a beleza do corpo relacionada à proporção. Na tentativa de decifrar o corpo foi criado um “esquema”.

Todos os períodos históricos têm exemplos nesse sentido. De modo geral, o século XV foi marcado pela valorização das potências humanas, pelo desenvolvimento da ciência e pela filosofia. Todas essas dimensões tiveram inúmeras representações na arte, tendo motivos de inspiração na matemática, na proporção e na beleza dos antigos. Leonardo da Vinci reabilitou a obra *De Architectura*, datada do século I a.C., do engenheiro romano Vitruvio. Essa obra fornecerá instrumentos suficientes para o uso de proporções nas representações do corpo humano. O *Homem vitruviano*

representará a união da forma racionalizada e da arte, da proporção e da simetria, que servirão de base para explicar outros campos do mundo renascentista. O médico belga Andreas Vesalius, na sua obra *De humani corporis fabrica*, fundou a anatomia moderna mostrando o corpo humanizado, material e sem alma. O astrônomo polonês Nicolau Copérnico, o filósofo italiano Giordano Bruno e o astrônomo italiano Galileu Galilei desafiaram as leis da astronomia e a Igreja Católica ao colocar o Sol no centro de um universo



O anatomista Andreas Vesalius questionou em seus desenhos anatómicos do corpo humano, no século XVI, a própria natureza do homem quando mostrou seu interior de maneira racional e não mais espiritual e religiosa, como na Idade Média.

infinito e em movimento. E finalmente, na filosofia, os ingleses Thomas More e Francis Bacon e o italiano Tommaso Campanella, respectivamente nos livros *Utopia*, *Novum Organum* e *Cidade do Sol*, construíram cada qual seu modelo de sociedade dentro de uma concepção homogeneizante e de valorização do capital, mas ainda de forte inspiração religiosa.

O Renascimento antecedeu a era da razão e posicionou o homem, do ponto de vista filosófico, no centro de tudo. Todas as coisas do mundo estavam disponíveis para o domínio e o conhecimento humano. A natureza, não mais vista como criação divina, poderia ser desvendada e dominada. De um lado, o *Discurso do método*, do francês René Descartes, e sua máxima “*cogito, ergo sum*” [penso, logo existo] revolucionaram o modo de pensar o mundo. Compartmentado, racionalizado e empírico, o mundo material foi definitivamente separado do mundo espiritual. Por outro lado, um filósofo contemporâneo a Descartes afirmou na mesma época que “*bellum omnium contra omnes et*” [guerra de todos contra todos]; no *Leviatã*, o filósofo inglês Thomas Hobbes revelou-nos a inevitável concorrência entre os homens em sociedade, ainda que a natureza esteja dominada.

Os iluministas também produzirão concepções de fundamental importância para os pensadores eugenistas do século XIX. Rousseau e Malthus, cada um a sua maneira, trataram de refletir sobre a sociedade, o homem e a natureza. No *Contrato social*, Jean-Jacques Rousseau fez a separação entre a natureza e a sociedade. De origens distintas, o mundo natural ou físico e o mundo político ou moral eram partes de um corpo social. Para Rousseau, no mundo natural e no mundo moral, os conflitos e embates deveriam resultar na superação das desigualdades através de leis e da constituição de um contrato social. No contrato social, a humanidade abdica de parte de suas liberdades individuais a fim de estabelecer um convívio pacífico. Mas se Rousseau, apesar das diferenças na sociedade, via todos os homens iguais por natureza, Thomas Malthus, ao contrário, tinha um ponto de vista bastante pessimista da vida em sociedade, expresso em seu livro *Ensaio sobre as populações*, e, nesse sentido, criticava o crescimento vertiginoso das cidades no pós-Revolução Industrial. Para Malthus, o progresso humano era inevitável e, baseado em dados matemáticos, argumentava que a população aumenta em progressão geométrica enquanto a potência da terra

em produzir alimentos cresce em progressão aritmética. Dessa forma, o mundo orgânico e equilibrado da humanidade estava comprometido, já que, diferentemente do mundo animal, em que a seleção natural e a lei do mais forte sobre o mais fraco funcionavam, na sociedade contemporânea esse aspecto fora substituído pelo assistencialismo.

Esse retrospecto de parte da história da filosofia e do pensamento ocidental tem por objetivo dar uma ligeira idéia geral do palimpsesto que compôs o pensamento do século XIX e que proporcionou a emergência da eugenia. Longe de querer aprofundar cada um desses pensadores, o importante é ter em vista que, historicamente, houve sempre o desejo de se proclamar a superioridade de um grupo sobre outro, ou de uma teoria sobre outra, ou mesmo de um tipo de regime político sobre outro. Os melhores, os eleitos, os superiores sempre foram desejados pelo poder. E pertencer ao grupo dos melhores sempre foi o objetivo de muitos, em detrimento dos menos favorecidos. Michel Foucault, em seu livro *Microfísica do poder*,<sup>1</sup> nos ensinou que todos, na época contemporânea, temos estratégias e recursos na vida cotidiana para dominar uns, mas também para permitir que sejamos dominados por outros, às vezes simultaneamente. Mas a novidade do século XIX em relação a todas essas sobreposições teóricas seculares e todas essas temporalidades foi o advento do conhecimento biológico e sua influência na vida social com a finalidade de controlar as populações, entendendo-as como espécie, o que Foucault chamou de biopoder. Esse biopoder emergiu do rápido crescimento do capitalismo no século XIX e sua incidência sobre a vida sujeitará e docilizará os corpos a partir de então, potencializando com sutilezas disciplinares as relações do homem com seu meio social.

## A GENÉTICA DA GENÉTICA

Se a natureza havia se tornado campo de conhecimento do homem, e o seu funcionamento um conjunto de regras e teorias, com o biopoder era o momento de serem criadas as técnicas necessárias para ajustar as dissonâncias sociais e disciplinares. A biologia protagonizará esse período e terá a sua era de ouro a partir da segunda metade do século XIX, explicando boa parte dos problemas apresentados pelo seu tempo, sejam eles científicos ou

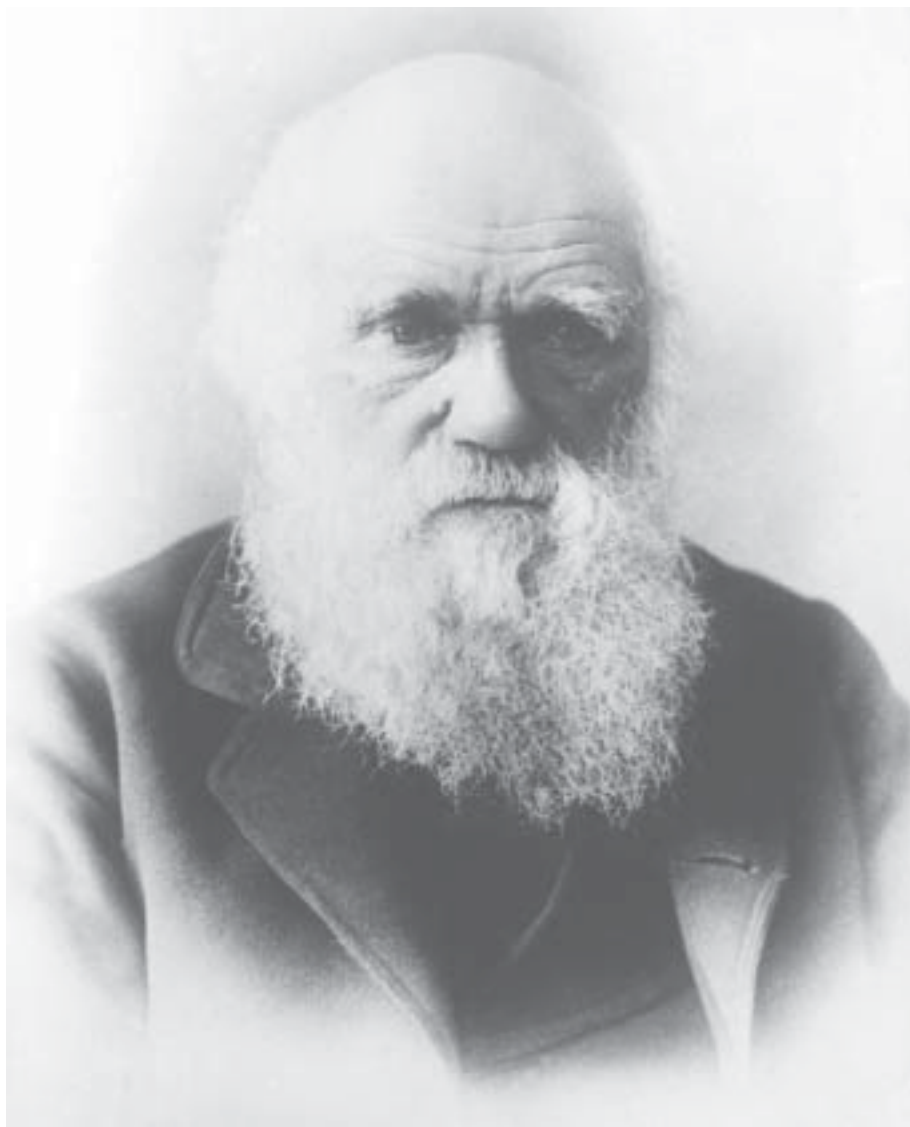
não. Foram três os campos da biologia mais afetados por essas novas descobertas: a fisiologia, a microbiologia e o evolucionismo. De maneira sucinta, a fisiologia teve aplicação imediata na medicina experimental, que explica o funcionamento dos órgãos e sua relação com o organismo; a microbiologia ajudou a fundar o higienismo, com a finalidade de sanar as doenças e as epidemias; e, finalmente, o evolucionismo, que não teve aplicação técnica direta, mas em longo prazo adquiriu repercussão e adesão mundial.

Claude Bernard e sua fisiologia pregavam que a vida poderia ser explicada através da dimensão físico-química da ciência. Essa premissa reforça a concepção de sociedade como um organismo e do organismo como uma máquina. Para Bernard, é do equilíbrio do organismo em relação a seus órgãos que depende a sobrevivência do indivíduo. Transpondo essa idéia para o nível social, é do equilíbrio da sociedade em relação a seus grupos que dependerá a sobrevivência do Estado. Apesar desse entendimento de Bernard entre o corpo e a sociedade, sua teoria não teve muito impacto no seu tempo do ponto de vista ideológico por ser a fisiologia uma disciplina médica muito técnica.

O mesmo não pode ser dito da microbiologia descoberta pelo francês Louis Pasteur. Mais ideológica do que a teoria de Bernard, a teoria de Pasteur obteve repercussão imediata tanto na medicina quanto na sociedade. Suas idéias são fundadoras da saúde pública e da medicina social uma vez que a descoberta dos micróbios possibilitou criar vacinas e outras técnicas curativas para as doenças epidêmicas do século XIX. Chamado de pasteurismo por André Pichot,<sup>2</sup> seus preceitos biologizaram a política quando passaram a ditar as normas para solucionar doenças como a tuberculose, a sífilis e a raiva. A vacinação obrigatória, os sanatórios de confinamento para quarentena e as regras higiênicas individuais e públicas eram algumas das normas que adquiriram mais e mais prestígio, na medida em que, durante sua implantação, apresentavam resultados positivos. Dessa forma, esses higienistas contribuíram também para reforçar a dimensão biológica da sociedade principalmente porque seus princípios científicos estavam integralmente a serviço do social. Mais do que ser um instrumento técnico para a cura de enfermidades, o higienismo fortalecerá a ordem social e política. Somente num segundo momento, o componente ideológico do higienismo adquirirá



repercussão, uma vez que suas técnicas de cura questionarão o papel dos governos no que diz respeito ao saneamento dos espaços públicos e na implantação de políticas de saúde eficazes, como, por exemplo, a vacinação.



As descobertas do naturalista Charles Darwin relatadas no livro *A origem das espécies* (1859) inspiraram os trabalhos de biólogos e antropólogos que tentavam explicar a natureza humana e a sociedade.

Finalmente, o evolucionismo de Charles Darwin é a última das três grandes descobertas da biologia do século XIX, e esse conceito será um dos principais alicerces teóricos da eugenia. Em 1859, Darwin publicou seu mais famoso livro, *A origem das espécies por meio da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela vida*, com os resultados de sua pesquisa sobre a seleção natural, a sobrevivência e a luta pela vida entre os animais. O trabalho de Darwin era tão popular na sua época que a primeira edição da obra foi inteiramente vendida no dia do lançamento. Desse livro nasceu o darwinismo, teoria que rompeu em definitivo com o criacionismo, crença na origem mítico-religiosa do homem, e gerou polêmica entre a comunidade de biólogos. Isso porque as formulações de Darwin proporcionaram duas perguntas fundamentais: quais suas aplicações técnicas e suas comprovações empíricas? Tais questionamentos justificam-se pela fragilidade do conhecimento científico em biologia da época. O evolucionismo não possuía aplicação técnica nem base empírica, além da observação de curto espaço de tempo. Pouco se conhecia sobre a hereditariedade, e as leis da genética de Mendel só viriam a público décadas mais tarde. No entanto, o darwinismo desafiou a ordem política quando afirmou que a ordem biológica e natural regia a vida e o desenvolvimento da humanidade.

Nesse sentido, a luta pela vida, na qual só os mais bem adaptados sobrevivem, a permanente competição e a conclusão de que os mais bem “equipados” biologicamente têm maiores chances de se perpetuar na natureza serão as premissas do darwinismo. Tais idéias encontrarão eco nas teorias econômicas e sociais que justificarão o comportamento humano em sociedade. Dessas aplicações essencialmente políticas surgirá o darwinismo social, que, dando voz aos argumentos de racistas e eugenistas, era consoante também com os princípios da burguesia industrial e deu a base científica, do ponto de vista econômico, para os objetivos de controle e permanência no poder.

Assim, higienistas e evolucionistas contribuíram para a biologização da sociedade, de maneiras diferentes. O primeiro grupo, com fins técnicos e menos político, adquiriu repercussão

internacional e prestígio imediato. Os higienistas eram, essencialmente, adeptos do lamarckismo – Jean-Baptiste Lamarck desenvolveu, no século XVIII, a lei dos caracteres adquiridos, hoje ultrapassada. Em síntese, essa teoria prega que o meio ambiente e o comportamento têm a capacidade de influenciar os caracteres hereditários. Higienistas irão abraçar essa idéia na defesa de políticas sanitárias. Ao contrário, o grupo dos evolucionistas-darwinistas era mais científico e mais enfático quanto à interferência no plano social, sendo, portanto, mais polêmico. Em suas bases de apoio estavam as teorias mendeliana e weismaniana, ambas de suma importância para se entender a hereditariedade. O monge Gregor Johan Mendel é hoje conhecido como o “pai da genética” por ter sido o primeiro a demonstrar as leis da hereditariedade. Através da observação dos cruzamentos de ervilhas, ele concluiu que as combinações dos caracteres das partes cruzadas eram imutáveis, podendo ser dominantes ou recessivas, dependendo da combinação dos pares. O mendelismo só foi conhecido em 1900 com a popularização das pesquisas efetuadas por Mendel, que influenciarão decisivamente os darwinistas sociais. As idéias de August Weismann complementam aquelas de Mendel, além de reforçarem as idéias de Darwin. De acordo a teoria de Weismann, o plasma germinativo, hoje conhecido como gametas, é responsável pela transmissão dos caracteres ancestral e imutável pelo meio ambiente. Dessa forma, a seleção natural estaria assegurada por eliminar naturalmente os caracteres defeituosos, inferiores e mais fracos através das gerações.

O darwinismo social vai se apropriar dessas idéias para legitimar seus desejos de controle ideológico. Baseados na luta pela vida, na concorrência e na seleção, os caminhos para solucionar os problemas sociais deveriam visar, acima de tudo, ao triunfo do indivíduo superior para, depois, aperfeiçoá-lo em busca do super-homem. De acordo com o trabalho de André Béjin,<sup>3</sup> o evolucionismo passou por três fases distintas ao longo de sua história. A primeira delas, entre 1853 e 1883, foi caracterizada por um evolucionismo liberal e depois socialista de fundo teórico. A segunda fase compreende o período entre 1884 e 1904 e se destaca por um diferente

tipo de darwinismo social por meio do qual florescerão o racismo e a eugenia, oportunidade em que o colonialismo europeu se assentará. Finalmente, na sua última fase, entre 1905 e 1935, o evolucionismo irá aplicar as teorias desenvolvidas na fase anterior, ou seja, instituições e governos vão “colher os frutos” do aperfeiçoamento humano em métodos compulsórios e totalitários.

Todo esse processo pelo qual passou o evolucionismo significou também a validação de seus objetivos ao longo do tempo. Do darwinismo ao sociodarwinismo, a biologia e a sociologia se associaram com o objetivo de se sustentar mutuamente. De um lado, a biologia, com suas fragilidades teóricas em relação à genética e à hereditariedade, buscou explicação no organismo social. Do outro, a sociologia tornou-se uma disciplina “cientificizada”, criada para avaliar e quantificar o homem a partir de seus ramos de estudo, como a estatística, a psicologia, a antropometria, os testes de QI. Todos esses conhecimentos foram originados do darwinismo e, posteriormente, se reagruparam no que hoje se conhece por ciências sociais. No século XIX, seus resultados matemáticos desarticulados, sem objetividade e tampouco neutralidade tentaram explicar a vida em sociedade.

Entre os anos de 1859 e 1915, esse “imbróglio” de teorias vacilantes colocou em cena Francis Galton em um debate com Charles Darwin e sua seleção natural. A luta pela vida, a concorrência e a seleção estarão onipresentes na biologia do século XIX e tentarão explicar todas as coisas, em todas as dimensões da vida. A sociologia se tornará a imagem das ciências naturais e todos os sociodarwinistas estarão voltados para um objetivo comum: a “naturalização” da sociedade e a “cientificização” da sociologia, com a extensão desses princípios à vida política. Para esses teóricos, a “luta de raças” originaria todo o processo social. Jacques Novicow, antidarwinista de esquerda e autor de *A crítica ao darwinismo social* (1910), escreveu que a teoria evolucionista, assim como as concepções de luta pela vida e seleção, foram o “motor” da luta de classes e declararam uma guerra contínua de todos contra todos. Além da disputa entre classes, esse “motor” acionou também as disputas entre grupos em defesa de seus territórios, o que justificará, sob os termos darwinianos, a importância das guerras e das conquistas imperialistas.

Do ponto de vista social, a burguesia se inspirará na biologia e nas teorias incertas sobre a hereditariedade para consolidar o poder

econômico recém-conquistado, reabilitando o direito de sangue, não mais em seu aspecto religioso como a nobreza pregava até então, mas do ponto de vista biológico e científico. Os burgueses tornaram-se os mais capazes, os mais fortes, os mais inteligentes e os mais ricos. Será pela meritocracia que o mérito natural substituirá o sangue azul. A superioridade hereditária burguesa fará contraponto também com a inferioridade operária e formará uma hierarquia social em que a aristocracia perderá sua primazia. O triunfo burguês afasta a nobreza e os pobres com o respaldo da ciência. A partir de então, além da raça, etnia e cultura se tornarão sinais da natureza que indicarão superioridade ou não, e tais sinais justificarão a dominação de um grupo sobre o outro.

A Inglaterra do século XIX, berço do darwinismo social e da eugenia, criou as condições objetivas para a proliferação de tais teorias. A ameaça popular advinda com a Comuna de Paris, em 1848, assim como a emergência das teorias de esquerda, espalharam-se pela Europa e transformaram a pobreza, sinônimo de perigo e inferioridade. Essa situação política e ideológica, somada ao problema sanitário gerado pelo vertiginoso crescimento das cidades, tornou a Inglaterra um lugar degenerado, na visão dos biólogos da época. Sem infra-estrutura, a insalubridade e as doenças epidêmicas (varíola, tuberculose, tifo, escarlatina etc.) despertaram o interesse dos higienistas inspirados pelas descobertas de Pasteur. Era preciso curar muitos doentes. Era preciso evitar a degeneração e controlar a multidão. A Inglaterra e o mundo nunca mais seriam os mesmos.

## A INGLATERRA DEGENERADA

A Inglaterra burguesa do século XIX e sua capital, Londres, testemunharam o surgimento da multidão. A multidão se caracteriza pela idéia de massa, de coletivo disforme e compacto, no interior da qual o individual não existe. Fenômeno próprio da modernidade, que absorve as singularidades e estratifica o social. Pensar nesse movimento homogeneizante do início do século XIX é pensar em uma nova maneira de olhar. A multidão é vista e sentida como um todo homogêneo. E por não ser possível identificar exatamente sua composição, o medo da multidão cresce e cria estratégias de combate para sanar esse mesmo medo. A biologia foi fundamental na criação dessas estratégias de evitar a organização das multidões.



A insalubridade dos espaços na cidade de Londres no século XIX despertou Francis Galton para o desenvolvimento da eugenia, teoria de melhoramento e aperfeiçoamento racial que seria sucesso entre os biólogos no início do século XX. Na imagem, a remoção de moradores de um dos cortiços de Bermondsey, em Londres, ca. 1896.

Pensar a multidão na cidade de Londres no século XIX é pensar no fluxo de tempos que se sobrepõem no espaço urbano. Tempos marcados durante o dia pelas jornadas de trabalho exaustivas na indústria têxtil, nas siderúrgicas e na construção naval. É pensar no vai-e-vem nas ruas da cidade que produz e cresce economicamente, no automatismo das fábricas que suga todo o vigor dos trabalhadores. E durante a noite a multidão ganha outra forma. Nos bares, nos bordéis e nas ruas, toda a sobriedade ditada pelo relógio e pelo tempo do trabalho diurno é substituída pela sedução, pela música e pela embriaguez. Teatros, ladrões e sombras. Nesse ambiente sombrio, o *serial killer*, Jack, o Estripador, agiu em 1888. Nessa mesma Londres, Charles Dickens e Edgar Allan Poe produziram *Oliver Twist* e *O homem na multidão*, e, através dessa literatura fantástica, viveram, sentiram e registraram em suas obras a vibração da multidão.

A Inglaterra vitoriana criou um novo modo de produção ditado pelas máquinas e um novo modo de vida que fragmentou os espaços urbanos ao submeter operários à vida nos cortiços em péssimas

condições de higiene. O resultado do vertiginoso crescimento urbano: Londres contava com mais de quatro milhões de habitantes em 1890. Darwinistas sociais acreditavam que a multidão que vivia nos bairros operários de Londres estava degenerando, ou seja, pobreza associada à degeneração física. Reurbanização, disciplina e políticas de higiene pública deveriam ser aplicadas com a finalidade de prevenir a degradação física dos trabalhadores para evitar prejuízos na economia que reverteriam em menos dividendos para a burguesia. Essa situação desdobrou-se ao longo do século XIX e causou tanto impacto na Inglaterra que gerou um preconceito contra o trabalhador londrino, por ele ser mais fraco e apático do que o trabalhador vindo e criado no campo.

No século XIX, o império inglês era a grande potência mundial. A sociedade vitoriana cresceu após a Segunda Revolução Industrial, carregando consigo as conseqüências do capitalismo: acumulação de capital, mais-valia, péssimas condições de trabalho e salários e a insatisfação dos operários. Em oposição a esse estado, a burguesia criava maneiras de se alienar da vida da multidão e diferenciar-se dela. O entretenimento burguês surgia com os dândis e o absinto, nos salões de chá, nos teatros e nas salas de cinema. Nesse período de efervescência, todas as estruturas sociais estavam se transformando do ponto de vista da cultura. O darwinismo social e as teorias degeneracionistas foram temas de conversas e reflexões entre intelectuais. A ciência, de modo geral, nunca esteve tão em moda.

Foi o desenvolvimento industrial da Grã-Bretanha a partir do início do século XIX que fez essa ilha européia se industrializar. Com a ascensão da rainha Victória em 1837, a economia floresceu, criando as condições para as reformas políticas e sociais. Do ponto de vista político, a Inglaterra sofria diversas pressões populares, como a luta pelo direito ao sufrágio masculino e a liberdade de religião. Do ponto de vista social, o capitalismo proporcionou a criação de diversas leis e inovações que mudariam as condições de vida da classe pobre britânica: a restrição do trabalho infantil em minas de carvão, a criação de creches e escolas públicas e a liberdade de imprensa. As contradições se exacerbaram, grupos sociais foram postos em lados opostos e as diferenças entre ricos e pobres, contrastantes até mesmo do ponto de vista urbano, tornam-se motivo de preocupação. A maior potência mundial vê-se obrigada a refletir a respeito da situação da

raça inglesa. Conclusão: decadência. Muitas doenças, loucura, epidemias e péssimas condições de vida entre operários. Sociodarwinistas acreditam que o aperfeiçoamento da raça só fará sentido se for possível entender e esquadrihar a situação de classe, e a segunda metade do século XIX torna-se um período de decadência em toda a Europa, justificado pela crise sanitária e pela emigração, principalmente em direção aos Estados Unidos. Além disso, o final do século XIX foi caracterizado por uma das mais importantes crises trabalhistas da história inglesa. Com o auge da Segunda Revolução Industrial, os trabalhadores tomaram consciência de sua condição. Greves e manifestações, além de uma crise agrícola, na década de 1870, agitaram esse final de século. A fundação do *Independent Labour Party*, em 1893, foi impulsionada pela greve dos estivadores em 1889, que deixou mais de um milhão de trabalhadores parados.

Diante desse quadro social e político de crise, higienistas e eugenistas entram em ação para pensar o social e “testar” suas teorias. Higienistas pregam a higiene moral da sociedade. Não somente a saúde, mas também a conduta passa a ser objeto de estudo da higiene. Nessa perspectiva, a doença torna-se um problema econômico e requererá o isolamento e a exclusão dos menos adaptados. De acordo com Maria Lúcia Boarini,<sup>4</sup> a “redenção” desses doentes pobres virá através da educação. Dessa forma, paradoxalmente, na visão dos eugenistas, a proposta dos higienistas era insatisfatória por contribuir para a manutenção dos indigentes, dos doentes e dos delinqüentes. As políticas de reformas urbanas e de educação moral higiênica não agradavam de modo algum a Francis Galton, o pai da eugenia, pois iam contra a lei da seleção natural. Melhorar as condições de vida dos grupos de degenerados era o mesmo que incentivar a degeneração da “raça inglesa”. Londres tornou-se um mau exemplo de vida social e disciplina. Ali morava todo o resíduo social, a escória, a multidão fora da norma. Uma ameaça ao desenvolvimento econômico e humano.

Mesmo com o surgimento das *workhouses* [casas de trabalho], instituição estatal que empregava “desocupados” provisoriamente até a reintrodução ao mundo do trabalho, o assistencialismo ainda era muito mal visto. Até mesmo casas de caridade eram desqualificadas e consideradas uma muleta para aqueles “vagabundos” vistos como um “fardo social”. A partir desse ponto de vista sobre a multidão que



estava fora da vida regulada pelo trabalho foram elaboradas soluções mais radicais para o problema inglês: eliminar todos aqueles que contribuíam para a degeneração física e moral, impedindo-os de procriar ou de se perpetuar na sociedade. O medo crescente da multidão amotinada reclamando direitos e melhores condições de vida era uma ameaça à burguesia. Muitas das conquistas trabalhistas vieram dessas reivindicações. Nesse contexto surgiu o *welfare state*, [estado de bem-estar social], a partir de pressões resultantes do crescimento capitalista que forçaram o Estado a se transformar estruturalmente para apoiar de maneira socioeconômica as demandas da população. Visava essencialmente criar organismos e serviços estatais de amparo aos indivíduos do *corpus* social.

Para os eugenistas, o *welfare state* era antinatural, e permitir que o menos apto viva, através do assistencialismo, era considerado parasitismo. Nesse sentido, combater esse tipo de *parasitismo* era contribuir para o progresso da sociedade, já que, com a eliminação do *fardo social* que sobrecarrega o Estado, o progresso da civilização estaria garantido. Isso quer dizer que o grande impedimento para o sucesso da eugenia dependia de poupar os nascimentos daqueles que invariavelmente viveriam sob a tutela do Estado, além de estimular os casamentos e a procriação daqueles que elevariam o conjunto da raça inglesa.

#### FRANCIS GALTON: O PAI DA EUGENIA

A origem do pensamento eugênico moderno data da segunda metade do século XIX, mais exatamente após o lançamento do livro *Origem das espécies*, de Charles Darwin. As formulações de seu primo, Francis Galton, inaugurarão a busca pela melhoria da raça humana sob o ponto de vista biológico. Nascido em uma família aristocrata da cidade de Birmingham (Inglaterra), Galton foi um homem *vitoriano*. Sua postura tinha muito do espírito de seu tempo, tanto no que diz respeito à sua vida privada quanto à sua dedicação científica. Empenhado em seu “dever” científico, boa parte de sua biografia esteve voltada para o desenvolvimento de técnicas biométricas capazes de melhorar o gênero humano. Para entender a conjuntura da criação de sua “nova religião”, a eugenia, é importante conhecer sua trajetória de vida.



No final da vida (na foto, com 87 anos), Francis Galton afastou-se das disputas teóricas entre os eugenistas, mas, com a sensação de dever cumprido, deixou seu companheiro de pesquisas Karl Pearson (à esquerda) encarregado de continuar a missão pela eugeniização da Inglaterra.

Membro de uma família burguesa bastante próspera, Francis Galton cresceu num ambiente ligado aos estudos científicos. Era neto de Erasmus Darwin e Samuel Galton, ambos membros da Sociedade Lunar, sociedade cultural e científica que reunia integrantes da classe média vitoriana, formada por médicos, advogados, grandes comerciantes e industriais, e era influente e economicamente forte. Talvez por influência familiar, Francis Galton aprendeu muito cedo a ler e a desenvolver seu interesse pelas ciências. Forçado pelo pai, desde os 14 anos, acompanha o médico da família em visitas domiciliares. Iniciou contra a vontade os estudos na faculdade de

Medicina, mas após convencer seu pai, estuda matemática em Cambridge. Como não obtém sucesso acadêmico, frustrado, retorna aos estudos de medicina. Em 1844, com a morte paterna, Francis Galton herda uma significativa fortuna, o que lhe permite viver sua longa vida dedicando-se aos projetos que lhe agradassem, abandonando a medicina definitivamente. Foi explorador nomeado pela Sociedade Real de Geografia em expedições pelo Egito e pela África inglesa. Recolheu dados cartográficos entre Angola e a África do Sul. Trabalhou também no Observatório de Kew, na Inglaterra, e reuniu uma enormidade de dados sobre a movimentação dos ciclones, sendo o descobridor dos anticiclones.

Explorador, geógrafo, matemático, médico, meteorologista. Tantas qualificações não foram suficientes para lograr sua satisfação pessoal. Após uma crise nervosa resultante de divergências com os críticos a seus trabalhos de meteorologia, Francis Galton só se recupera após o lançamento do livro *A origem das espécies*. É importante frisar a importância Darwin na vida de Galton. Treze anos mais velho, Charles Darwin, sempre deu apoio aos empreendimentos do primo. A teoria evolutiva, a seleção natural, a grande polêmica com os criacionistas cristãos despertaram Galton para o que se tornaria seu principal objeto de estudo: o aperfeiçoamento da raça humana. Sem dúvida nenhuma o parentesco com Darwin contribuiu para isso. A teoria evolucionista foi o pontapé que inspirou Galton a dedicar-se ao desenvolvimento de uma teoria social que tivesse como objetivo principal a evolução da raça. Para Galton, tal teoria poderia se converter numa nova religião. Em suas memórias escritas em 1908, declara a importância da obra de Darwin:

A publicação em 1859 de *A origem das espécies* de Charles Darwin marcou um período de meu próprio desenvolvimento mental, tal como foi feito com o pensamento humano em geral. Seu efeito foi demolir uma enormidade de dogmáticas barreiras de uma só vez, e despertar um espírito de rebelião contra as antigas autoridades.

Charles Darwin ajudou a embasar as teorias de Francis Galton a partir de diversas publicações. Como já foi dito, *A origem das espécies* deu o impulso inicial no desenvolvimento da teoria de evolução social de Galton. Sem dúvida nenhuma, podemos dizer que Darwin foi um dos primeiros seguidores de Galton. Ainda que não tivesse o nome de eugenia, trazer para o mundo social as características

da natureza e da vida animal a fim de aperfeiçoar a humanidade como se fôssemos “cavalos” era teoria bem aceita na época. Mas a aproximação teórica entre Galton e Darwin não durou muito. Darwin esboçou cuidadosamente uma teoria de transmissão de caracteres conhecida como teoria da “pangênese”, que descrevia um possível mecanismo de transmissão hereditária por meio das “gêmulas” presentes em todo o organismo, transferidas de pais para filhos e alteradas pelo meio ambiente. Diante das imprecisões de Darwin, Francis Galton tentou aperfeiçoar a teoria e esse foi o ponto que separou os dois cientistas. Para a teoria de melhoria da raça ser validada por intermédio da seleção dos caracteres mais importantes – atributos físicos e mentais, de raça e de classe –, o meio ambiente não pode ter influência na carga hereditária. Em 1865, Darwin e Galton se separam definitivamente após um trabalho conjunto sobre a transmissão e a hereditariedade de caracteres em coelhos, utilizando a teoria da “pangênese”. Galton e seu assistente fizeram transfusões sanguíneas para provar a veracidade da teoria. A hipótese fracassou, e Galton teve um embate com Darwin registrado numa troca de artigos na revista científica *Nature*.

O primeiro trabalho escrito e publicado por Francis Galton que esboça os princípios da teoria eugênica é *Hereditary Talent and Character* (1865), considerado por Karl Pearson, companheiro de pesquisas e talvez o mais importante interlocutor de Galton, um trabalho conclusivo. Tal trabalho é uma hipótese cuja comprovação se tornará o objetivo de vida de Galton. Trata do estudo estatístico do parentesco, que será reforçado com a publicação de *Hereditary Genius* (1869). Neste livro, desenvolverá a teoria eugênica e o estudo da distribuição do talento nas populações. *Hereditary Genius* se tornará a obra mais conhecida e difundida entre as obras de Galton. A idéia fundamental é que o talento é hereditário e não o resultado do meio ambiente. Anos após a publicação de *Hereditary Genius*, o botânico suíço Alphonse de Candolle publicará uma resposta, *Histoire des sciences et des savants depuis deux siècles* (1873), contestando as formulações de Galton e tornando pública a polêmica “*nature versus nurture*” ao colocar em xeque as concepções sobre o herdado e o adquirido. Para Candolle, a educação e o ambiente social eram fatores fundamentais para o desenvolvimento de qualquer pessoa. Galton, no ano seguinte, responde a Candolle com *English Men of Science*:

*their Nature and Nurture* (1874), um livro feito a partir de uma enquete realizada entre cientistas ingleses. Questionava se tais cientistas consideravam seu talento inato ou adquirido. Galton concluiu, após a análise dos dados, que o talento é hereditário, rejeitando as idéias de Lamarck, uma vez que há influência do meio ambiente na transmissão de caracteres somente quando existe predisposição hereditária. No ano seguinte, Galton publica sua própria teoria sobre a hereditariedade no livro *A Theory of Hereditary* (1875). Um tanto especulativo, baseava-se nas formulações sobre o plasma germinal de Weismann. Nesses anos, Galton dedica-se intensamente a estudar o cruzamento das ervilhas, recolhendo medidas antropológicas. Essas medições tinham por objetivo resolver um dos problemas mais importantes da doutrina eugênica: selecionar os mais aptos e eliminar ou controlar os inaptos dentro de cada classe social. Para tanto, seria necessário criar históricos familiares, genealógicos e buscar características físicas que representassem grupos sociais indesejáveis. Através da estatística, da matemática e da teoria da probabilidade, já familiares a Galton, foi possível reunir um grande número de dados capazes de ir além da comparação de médias. Usando também a curva de Gauss, Galton conseguiu medir tanto tamanhos de ervilhas quanto estaturas humanas. Foram quase duas décadas – 1870 e 1880 – de coletas de dados com médicos e voluntários.

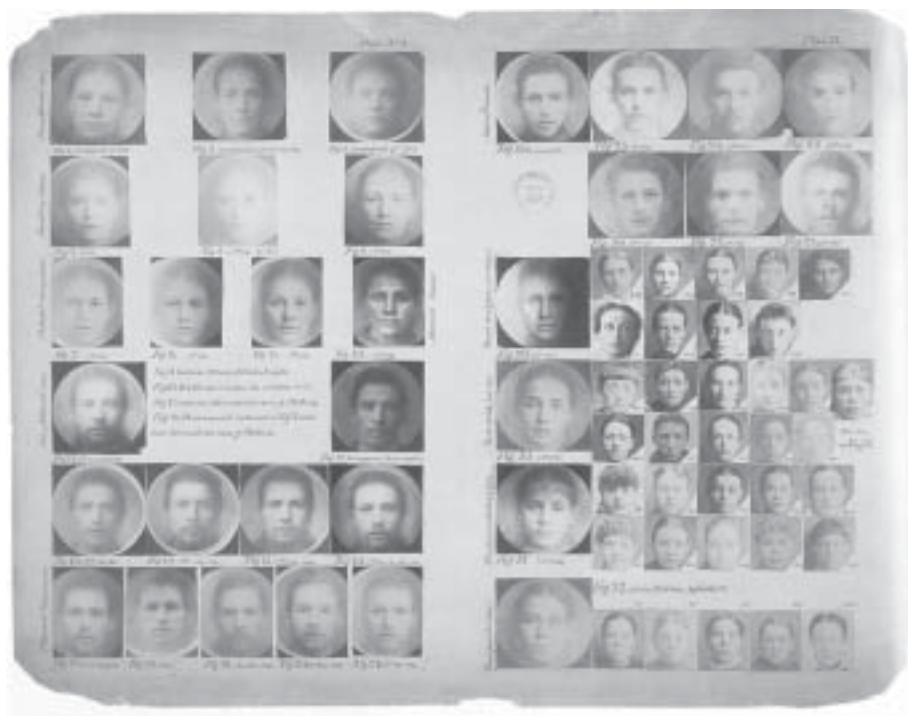
Após se ocupar por quase duas décadas em provar que o talento é herdado, através da análise dos dados da elite inglesa, a preocupação de Galton estava voltada em mostrar que a doença mental, o crime e a marginalidade eram também resultados da herança genética. *Inquires into Human Faculty and its Development* (1883) reúne uma série de análises sociológicas e material antropológico recolhido pelo autor e expõe claramente a eugenia, termo usado por ele pela primeira vez. Seu novo objetivo de vida, a eugenia, agora era mais claro e recebeu a seguinte descrição:

Mencionar vários tópicos mais ou menos conectados com aquele do cultivo da raça, ou, como podemos chamá-los, com as questões “eugênicas”. Isto é, com problemas relacionados com o que se chama em grego “*eugenes*”, quer dizer, de boa linhagem, dotado hereditariamente com nobres qualidades. Esta e as palavras relacionadas, “*eugeneia*” etc. são igualmente aplicáveis aos homens, aos brutos e às plantas. Desejamos ardentemente uma

palavra breve que expresse a ciência do melhoramento da linhagem, que não está de nenhuma maneira restrita a união procriativa, senão, especialmente no caso dos homens, a tomar conhecimento de todas as influências que tendem, em qualquer grau, por mais remoto que seja, dar às raças ou linhagens sanguíneas mais convenientes uma melhor possibilidade de prevalecer rapidamente sobre os menos convenientes, que de outra forma não haja acontecido.<sup>5</sup>

No *Inquires*, Galton funda também a pesquisa antropométrica e cria diversos instrumentos de medição do físico humano, tais como o método de análise de digitais, e inicia os estudos para os testes de inteligência, conhecidos atualmente como testes de QI.

Inspirado pelos resultados adquiridos com a publicação do livro, Galton montou o Laboratório de Antropometria na International Health Exhibition, realizada em Londres, em 1884. Um estande integralmente financiado por ele foi montado com a finalidade de coletar e medir de diversas maneiras as faculdades e a forma física dos visitantes do evento. A proposta principal do “laboratório” era recolher dados para compor uma tabela nacional com o intuito de conhecer o desenvolvimento e as características de homens e mulheres na Inglaterra. Todos os dados eram recolhidos com o conhecimento dos participantes da pesquisa. Mais de nove mil registros foram feitos e a análise desses dados levou quase dez anos para ser concluída. Mas Galton queria ir além. Não satisfeito com a coleta desses dados, era preciso cruzar as informações sobre o caráter com os respectivos traços físicos. Galton, então, aperfeiçoa uma técnica criada pelo positivista Herbert Spencer, a técnica dos retratos compostos. Esse método consistia na superposição de fotografias de rostos de modo a evidenciar características comuns. Dessa maneira, para Galton, seria possível obter os retratos típicos de saúde, doença e criminalidade. O desejo dele era aplicar o método de retratos compostos a toda a sociedade inglesa. Com tipos predeterminados seria possível controlar casamentos, impedir a reprodução e, se não melhorar a raça, ao menos evitar piorá-la. De acordo com os estudos de Galton, o fato de a elite, depositária dos melhores caracteres, procriar menos que a classe pobre, portadora de caracteres degenerados, foi uma constatação que gerou indignação por vários anos em sua vida.



Francis Galton criou uma técnica de análise chamada retratos compostos, que tinha por finalidade definir padrões da personalidade através de características fisionômicas para entender a população.

Além de toda a investida de Galton para desenvolver métodos de análise antropométrica, boa parte de sua empreitada em favor da eugenia esteve relacionada à divulgação de suas idéias, que atraíam mais e mais adeptos e seguidores. Os dez últimos anos de sua vida foram dedicados integralmente à tarefa de divulgação. Para mostrar a viabilidade da eugenia, Francis Galton publicou *Hereditary Improvement* (1873), um manifesto para o aperfeiçoamento hereditário. Declaradamente contra os casamentos movidos por “gostos pessoais”, Galton propõe que o valor da raça é superior e mais importante do que a educação e o meio ambiente. *Hereditary Improvement* prega a necessidade de que os “débeis” poupem a sociedade de seus descendentes adotando o celibato. Assim, o processo da seleção natural seria cumprido e respeitado, permanecendo os mais aptos cada vez mais fortes e os menos aptos com a tendência a desaparecer gradativamente.

No Congresso de Demografia, realizado em Londres em 1891, Galton reiterou a necessidade de melhorar a raça, principalmente nas colônias africanas e nos países tropicais, tendo em vista a observação e a fertilidade das classes e raças mais bem dotadas. Apesar de seus esforços, será somente a partir do início do século xx que a doutrina eugênica ganhará espaço nos meios intelectuais e acadêmicos da Europa, principalmente Alemanha, e dos Estados Unidos. Para reforçar sua empreitada pela eugenia, Galton contou com a colaboração do físico e estatístico Karl Pearson, seu fiel companheiro de pesquisas, e do zoólogo Walter Frank Weldon. Juntos fundaram os estudos de biometria com a publicação do livro, de autoria de Galton, *Natural Inheritance* (1889). Essa reunião gerou frutos, a partir de 1901, com a publicação da revista *Biometrika*, que tinha o intuito de publicar os artigos sobre eugenia rejeitados por outras revistas. Nesse mesmo ano, com a finalidade de divulgar as idéias eugenistas, no Instituto Antropológico de Londres, Galton pronuncia a “Huxley Lecture”, conferência anual em homenagem ao biólogo inglês Julian Huxley. Nela, Galton insiste na necessidade de aperfeiçoar a humanidade e, principalmente, a raça inglesa, na sua opinião, em estado de decadência. Apesar da pouca repercussão de suas idéias na Inglaterra, a revista *Nature* publica um resumo da conferência, que chega aos Estados Unidos, causando muito interesse entre os cientistas de lá, principalmente do biólogo Charles B. Davenport, um dos maiores adeptos e defensores da eugenia mundial.

O sucesso da conferência proferida por Galton foi tão grande nos Estados Unidos que, em 1903, foi criada a primeira sociedade eugênica norte-americana: a Associação Americana de Reprodução ligada à Associação Americana Acadêmica de Agricultura, sediada em Saint Louis. Galton foi nomeado membro honorário da instituição por ter “proporcionado um caminho científico e prático ao pensamento moderno relacionado com a herança das plantas, dos animais e do homem; ganhou fama mundial”, disse Davenport numa carta da Associação Americana de Reprodução.

Nesse mesmo ano, é fundada na Inglaterra uma comissão para estudar o estado de degeneração da “raça inglesa” produzida pelas condições ambientais. Galton se opõe à iniciativa e declara sua insatisfação numa comunicação feita na recém-formada Sociedade



de Sociologia: “Devemos ser mais aptos para cumprir com nossas vastas oportunidades imperiais”, considerando primordial a aliança da sociologia nessa empreitada para difundir as leis da herança e promover seu estudo; fazer uma investigação histórica sobre as taras da sociedade classificadas segundo sua utilidade social; coletar sistematicamente fatos que demonstrem as circunstâncias pelas quais famílias grandes obtêm sucesso e estudar as influências sociais sobre os matrimônios e a persistência em afirmar a importância nacional da eugenia. Mas a Sociedade de Sociologia não foi tão receptiva com as idéias de Galton, e muitos dos seus membros se opuseram a essa “nova religião”. Mais uma vez, os Estados Unidos recebem positivamente as palavras de Galton e o jornal *The Nation* enfatiza a importância de suas teorias e o alinhamento delas com a idéia de “suicídio da raça” desenvolvida por Theodore Roosevelt na mesma época.

Após convencer Arthur Rücker, reitor da Universidade de Londres, Francis Galton fundará em 1904 o Escritório de Registros Eugênicos (ERO). Com todas as despesas custeadas por Galton, a Universidade cedeu o espaço para que o escritório pudesse funcionar e realizar registros eugênicos e análises dos dados a fim de estudar a eugenia das famílias mais ricas da Inglaterra. Após dois anos de muitos trabalhos e poucos resultados, Galton pediu a Karl Pearson que fundisse o laboratório de Biometria com o Escritório de Registros Eugênicos. O resultado foi o surgimento, em 1907, do Laboratório Galton para Eugenia Nacional. Nesse momento, foi criada a definição *eugenia nacional*, que dizia mais ou menos o seguinte: “Estudo dos meios que estão sob o controle social, que possam beneficiar ou prejudicar as qualidades raciais das gerações futuras, tanto física como moralmente.”<sup>6</sup>

No mesmo ano, Galton criou outro escritório de investigação eugênica, a Sociedade de Educação Eugenista, tendo como primeiro presidente Montagu Crackanthorpe, seu amigo pessoal, com perfil de propagandista. A primeira reunião aconteceu em 1908, reunindo intelectuais e cientistas. Dentre eles, Leonard Darwin, filho do naturalista Charles, que futuramente seria o presidente da instituição até a década de 1930. A Sociedade de Educação Eugenista terá uma atuação bastante distinta daquela adotada por Karl Pearson à frente do Escritório de Registros Eugênicos. Durante muito tempo, Pearson e Crackanthorpe combateram para definir qual das duas instituições representaria melhor o ideal eugênico proposto por

Galton. O pai da eugenia, idoso e cansado, já não se posicionaria diante da polêmica entre ambos. Em 1912, um ano após a morte de Francis Galton, a Sociedade de Educação Eugênica promove o Primeiro Congresso Internacional de Eugenia, em Londres. A eugenia já tinha *status* de ciência. Talvez de religião. Institucionalizada e “científica”, adquiriu adeptos em todo o mundo. Agora, resta saber o que foi feito de sua teoria. A eugenia chegou ao poder e foi usada como arma política de discriminação social e limpeza étnica. Alemanha, Estados Unidos e Escandinávia, seus maiores executores. Mas os cinco continentes se renderiam à ciência da boa linhagem.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Michel Foucault, *Microfísica do poder*, Rio de Janeiro, Graal, 2003.
- <sup>2</sup> André Pichot, *La Societé pure: de Darwin à Hitler*, Paris, Flammarion, 2000, pp. 31-156.
- <sup>3</sup> André Béjin, apud André Pichot, *op. cit.*, p. 40.
- <sup>4</sup> M. L. Boarini, *Higiene e raça como projetos: higienismo e eugenismo no Brasil*, Maringá, UEM, 2003, p. 36.
- <sup>5</sup> Francis Galton, *Inquires into Human Faculty and it Development* (1883), edição de 1907 e reimpressão de 1911, p. 17, apud R. A. Pelaez, *Herencia y eugenesia*, trad. Raquel Alvarez Peláez, Madrid, Alianza, 1988, p. 11. [Tradução da autora].
- <sup>6</sup> Francis Galton, apud Raquel A. Pelaez, *op. cit.*, p. 27.